



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

Agricultura familiar no Rio Grande do Norte: sustentabilidade na visão dos agricultores

Área Temática: Engenharia e Sustentabilidade

Josineide, K. da Silva¹, Valdenildo, P. da Silva²

¹ Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Natal Central, Natal RN – neylinha-18@hotmail.com

² Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Natal Central, Natal RN –valdenildo.silva@ifrn.edu.br

Resumo

A sustentabilidade tornou-se no curso dos últimos anos, um tema de grande importância, inclusive para o setor agrícola, destacando-se nesse contexto a agricultura familiar. O processo de modernização da agricultura e os avanços decorrentes da globalização têm promovido uma redefinição no campo das ideias, costumes e hábitos do homem do campo, fazendo desaparecer significados que são fortemente carregados de sentidos e valores, e que simbolizam muito para quem nele trabalha, vive e se reproduz socialmente. Esse trabalho visa analisar a dinâmica da agricultura familiar e sua sustentabilidade, com ênfase nos valores e significados atribuídos por agricultores familiares potiguares, neste atual período histórico. A análise em pauta está fundamentada por meio de levantamentos bibliográficos em teses, dissertações e artigos sobre o estudo proposto. Além disso, elaboramos um instrumento de entrevista (semiestruturado) que está sendo aplicado em alguns municípios do semiárido potiguar por ocasião das pesquisas de campo, considerando o critério de saturação proposto por Sá (1998).

Palavras-chave: Agricultura familiar; Sustentabilidade; Significados.

1 Introdução

Este trabalho aborda reflexões decorrentes de estudos que estão sendo realizados para a conclusão de uma pesquisa de iniciação científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), intitulada “Agricultura familiar e sustentabilidade: significados e valores na visão de agricultores potiguares”.

A sustentabilidade tornou-se, no curso dos últimos anos, um tema de grande importância para os diversos segmentos da sociedade, inclusive para o setor agrícola, destacando-se, nesse contexto, a agricultura familiar. Esse tema tem sobressaído por meio de análises socioeconômicas e ambientais, com dados quantitativos e qualitativos, abordado tão somente pelas lógicas de funcionamento do sistema de produção, desconsiderando-se muitas vezes saberes, conhecimentos, valores e significados simbólicos sobre o território e a paisagem (COSGROVE, 1998), atribuídos pelos agricultores, a partir de suas experiências vividas



cotidianamente e difundidos em mitos, costumes, religiosidades, dentre outros símbolos, que vêm sendo transmitidos geração a geração, pelo homem do campo.

Sustentabilidade está sendo entendida como a possibilidade de se obterem, permanentemente, condições semelhantes ou superiores de vida em determinado geossistema (ISNARD, 1982)¹, objetivando-se a manutenção do sistema de suporte da vida. Assim sendo, sustentabilidade relaciona-se com uma melhor qualidade de vida para as populações do presente e futuras, a partir da capacidade de suporte dos ecossistemas. Essa qualidade de vida pode ser compreendida como o grau de prazer, satisfação e realizações concretizado por cada indivíduo em seu espaço vivencial, tanto material como espiritualmente.

Sachs (2000), em seu livro *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, foi enfático ao afirmar que a sustentabilidade tem certa unidade e que sua dinamicidade está na harmonização das dimensões social, política, econômica, ecológica, ambiental, territorial e cultural. Para esse autor, em última instância, o desenvolvimento depende da cultura do povo, na medida em que implica a invenção de um projeto. E este não pode deter-se unicamente em aspectos sociais e econômicos, negligenciando as relações e dimensões complexas entre o porvir das sociedades humanas e a evolução da biosfera. Na realidade, esse autor está querendo dizer que existe uma coevolução de dois sistemas que se regem por escalas espaciais distintas. Para ele, a sustentabilidade, no tempo das civilizações humanas, vai depender da capacidade desta de se submeterem aos preceitos da prudência ecológica e de fazerem um bom uso da natureza. É por isso que ele fala de *desenvolvimento sustentável*, dizendo que, a rigor, a adjetivação do termo deveria ser desdobrada em socialmente *includente*, ambientalmente *sustentável* e economicamente *sustentado* no tempo (SACHS, 2000, grifo do autor).

Além disso, no trabalho em tela, a agricultura familiar é compreendida como uma forte relação entre terra, trabalho e família, cujos membros, ao mesmo tempo, são proprietários e assumem a gestão do estabelecimento agrícola (LAMARCHE, 1993).

Mesmo não sendo uma categoria social recente e de uso novo no âmbito da sociologia rural, sua utilização, com o sentido e a dimensão ampla que lhe têm sido dados no decorrer dos últimos tempos, no Brasil, assume ares de uma novidade, ou de uma renovação (WANDERLEY, 1999). Talvez seja uma novidade diante dos inúmeros sinônimos que foram atribuídos à agricultura praticada por membros familiares, com noções equivalentes, como estas: *agricultura de baixa renda*, *pequena produção*, *agricultura de subsistência*, por exemplo (ABRAMOVAY, 2007, grifos do autor). Para Abramovay (2007), esses termos trazem em seu bojo um julgamento prévio sobre o tamanho e o desempenho econômico das unidades de produção familiar, o que pode contribuir para o desconhecimento de traços importantes do desenvolvimento agrícola da unidade produtiva familiar tanto no Brasil como em nações desenvolvidas, nos últimos anos. Como afirmou Lamarche (1993), a agricultura de

¹ Para esse autor, o objeto de estudo da geografia é o estudo dos geossistemas, que significam espaços geográficos criados pela sociedade, e não o estudo dos ecossistemas, que é feito pela ecologia (ISNARD, 1982). Para o autor, um espaço geográfico resulta muito mais da ação humana do que das condições naturais, definindo-se principalmente pelas relações com a sociedade.



base familiar não é um elemento da diversidade, mas contém nela mesma, toda a diversidade, palavra-chave da sustentabilidade da vida.

Para esse autor, a família, o trabalho e a propriedade são os elementos principais da agricultura familiar. Essas são algumas das principais características das unidades de produção agrícola que utilizam principalmente a mão de obra familiar (LAMARCHE, 1993). Além disso, considerando as palavras de Veiga (2005), as vantagens da agricultura familiar estão além da diversidade da produção, uma vez que ela apresenta perfil essencialmente distributivo e sustentável, em relação aos outros tipos de agricultura, assim como o fortalecimento da vida dos agricultores.

Entretanto, o processo de modernização da agricultura e os avanços decorrentes da globalização têm promovido uma redefinição no campo das ideias, dos costumes e hábitos do homem do campo, fazendo desaparecer significados que são fortemente carregados de sentidos e de valores, e que simbolizam muito para quem trabalha, vive e se reproduz socialmente no meio rural.

No Rio Grande do Norte, de acordo com o Censo Agropecuário de 2006, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 71.210 estabelecimentos de bases familiares, os quais correspondem a 86% das propriedades agrícolas no Estado. As propriedades familiares são responsáveis pela ocupação de 33% da área dos estabelecimentos e responde por 77% das pessoas ocupadas no meio rural. A agricultura familiar norte-rio-grandense tem sido responsável pela produção de diversos gêneros alimentícios no Estado, como arroz (90%), feijão (86%), mandioca (61%) e milho (83%), dentre outros inúmeros produtos, apesar das adversidades ambientais e socioeconômicas. Os dados desse censo ainda revelam que os estabelecimentos familiares também são responsáveis por 75% da criação de suínos, com produção de 64% do leite de cabra e 45% do leite bovino.

Tendo em vista o tradicional papel que a agricultura familiar tem desempenhado nessa área territorial do Rio Grande do Norte, garantindo a reprodução sociocultural da família, absorvendo mão de obra familiar, abastecendo centros urbanos por meio do excedente produzidos, difundindo silenciosamente memórias e histórias de lutas, vivências e sustentabilidades, indagamos: Que valores e significados são atribuídos e expressos por agricultores familiares do Rio Grande do Norte quanto à agricultura que praticam e a sua sustentabilidade? Esse questionamento emergiu recentemente, diante da existência de uma diversidade de abordagens, na geografia e, em especial, no campo da agrária as quais ganham visibilidade, pois o espaço rural não é somente agropecuário, nem é um espaço social tão somente. Há outras relações entre esses dois grandes eixos de pesquisa em geografia agrária, como a identidade rural, as memórias de ruralidade, os significados e os valores da relação campo- rural, das questões ambientais, da sustentabilidade, entre outros temas que emergem da necessidade de explicação das realidades, cada vez mais dinâmicas.

2 Objetivos

O estudo em tela tem por objetivo analisar a dinâmica da agricultura familiar e sua sustentabilidade, com ênfase nos valores e significados atribuídos a esses agricultores familiares de alguns municípios potiguares (figura 1), no atual período histórico, conhecido como técnico- científico-informacional. Para alcançar esse objetivo, procuramos: identificar os estabelecimentos de agricultura familiar que serão objeto de investigação da pesquisa, analisar a organização da agricultura familiar em diversos municípios do Estado e verificar os

significados e os valores que são mantidos e difundidos pela agricultura familiar, no sentido de desvendarmos os níveis de sustentabilidade desta.

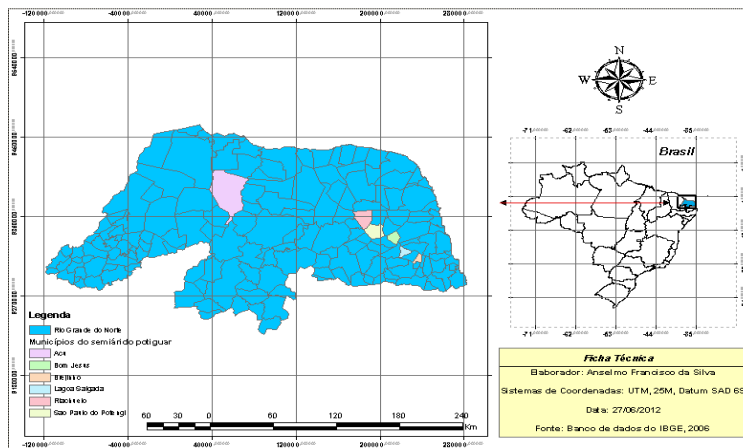


Figura 1: Localização dos municípios do Rio Grande do Norte pesquisado

3 Metodologias

A priori, para a realização desse trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas em sites da internet, bibliotecas centrais e virtuais com o intuito de levantar artigos científicos, livros, teses e dissertações além de outras referências para complementar o estudo posto em tela. Nesse sentido, nos embasamos em teóricos que conceituam e caracterizam os estabelecimentos familiares, Lamarche (1993), Wanderley (1999) e Abramovay (2007). Em relação à sustentabilidade utilizamos as ideias de Leff (2007), Sachs (2000) e Veiga (2005). Quanto à utilização dos significados, voltados para a cultura dos agricultores, baseamo-nos em Claval (2002), Cosgrove (1998) e Correa (1999).

A família, o trabalho e a propriedade são os elementos principais da agricultura familiar. Essas são algumas das principais características das unidades de produção agrícola que utilizam principalmente a mão de obra familiar (LAMARCHE, 1999). Além disso, considerando as palavras de Veiga (1996), as vantagens da agricultura familiar estão além da diversidade da produção, uma vez que apresenta perfil essencialmente distributivo e sustentável, em relação aos outros tipos de agricultura, assim como o fortalecimento da vida dos agricultores. Esta breve fundamentação teórica visa apresentar informações relevantes e importantes para o estudo.

A pesquisa *in loco*, compreendeu a aplicação de entrevista (semiestruturada), a qual ocorreu, nesta fase inicial da pesquisa, com 16 agricultores familiares, nos municípios de Assu, Bom Jesus, Brejinho, Lagoa Salgada e São Paulo do Potengi, localizados em regiões distintas do semiárido do Rio Grande do Norte (figura 1).

A escolha dos entrevistados deu-se pelo *critério de saturação*, proposto por Sá (1998). Para esse autor, o número de sujeitos de uma pesquisa deve ser definido quando os discursos passarem a se repetir continuamente, sem que novos temas ou informações sejam observados nas respostas dos indivíduos entrevistados.

Realizamos a pesquisa de campo por meio de entrevista em profundidade (ABRIC, 1994), com a intenção de possibilitarmos uma interação constante entre o pesquisador e os atores sociais entrevistados. Nas conversas em que tivemos com os agricultores, preferimos manter o



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

anonimato, identificando através de números. Dessa forma, podem expor suas experiências no campo tranquilamente.

A análise da pesquisa configura uma pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (1994), se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Acreditamos que o conjunto de informações que obtivemos possa subsidiar a compreensão da sustentabilidade da agricultura familiar.

4 Resultados Preliminares

Segundo o IBGE, o estado do Rio Grande do Norte (figura 01), tem uma população de 3.168.133 habitantes, dos quais 77,82% estão concentrados em área urbana. Sua densidade demográfica é de 52,8 hab/km². Está localizado na região Nordeste do Brasil, com 167 municípios, entre os paralelos de 4°49'53'' e 6°58'57'' de latitude sul e os meridianos de 35°58'03'' e 38°36'12'' de longitude oeste (IBGE, 2010).

Conforme se disse anteriormente, existem 71.210 estabelecimentos de base familiar, os quais correspondem a 86% das propriedades agrícolas no estado. As propriedades familiares são responsáveis pela ocupação de 33% da área dos estabelecimentos agrários e correspondem a 77% das pessoas ocupadas no meio rural. Correspondem a 86% das propriedades agrícolas no estado.

As propriedades agrícolas familiares são responsáveis, no Rio Grande do Norte pela produção de diversos gêneros alimentícios, como arroz (90%), feijão (86%), mandioca (61%) e milho (83%). Os dados desse censo ainda revelam que a agricultura familiar representa cerca de 75% da criação de suínos, da produção e 45% do leite bovino (IBGE, 2006).

Assim, vemos que, diferentemente do que enunciaram alguns estudos clássicos da questão agrária², a expansão capitalista no campo não pôs fim à produção agrícola de base familiar. No entanto não resta dúvida de que essa expansão resultou em mudanças intensas, desde a expropriação da terra a migração do campo, até a desvalorização dos saberes da tradição sobre como o agricultor e seus familiares têm se sustentado e mantido no campo. Porém, ela não conseguiu fazer desaparecer uma grande quantidade de unidades produtivas estruturadas na mão de obra familiar. Essas unidades têm concentrado significados que são fortemente carregadas de sentido e valores, e que simbolizam muito para os que nelas trabalham, vivem e se reproduzem socialmente. A propriedade rural de base familiar é norteador de práticas alternativas sustentáveis, por suas características de produção e produtividade, de inclusão social, de geração de renda e de produção de alimentos, valores, utopias, crenças, histórias e mitos (WANDERLEY, 1999), sobre esse espaço sabemos muito pouco. É por meio desses espaços concretos (os agroecossistemas de base familiar) e nas práticas sociais que se orientam a partir deles que a significação aparece como uma dimensão essencial de tais espaços rurais. Os agricultores familiares exprimem um conjunto de relações e valores, conferindo unidade e coerência à sociedade que se reconhece.

Por meio da pesquisa de campo, ouvindo os agricultores familiares, conseguimos mudar uma rota da geografia, que é a da matematização do conhecimento, a geometrização do espaço e o entendimento do território como simples localização, não como um fenômeno experienciado por agricultores que nele vivem no seu dia a dia. Segundo Dardel (2011), a geografia deve

² Merecem destaque aqui as obras de **Lênin** (1980) e **Kautsky** (1980) que deram ênfase a diferença e ao desaparecimento do campesinato.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

primar por pensar a terra, a partir da visão de quem nela vive, das coisas que lhes parecem óbvia. Aventuramos-nos a compreender como os agricultores do semiárido potiguar pensam sobre sua sustentabilidade, a partir de suas histórias e seus “causos”.

Com o intuito de compreendermos os atores que participam da pesquisa, entrevistamos agricultores familiares com faixas etárias distintas, que variam entre 27 e 85 anos, os quais se propuseram a fornecer relevantes informações sobre os modos do viver no semiárido mantendo relações de equilíbrio com os recursos naturais e com suas vivências. Foram entrevistados, seguindo o critério de saturação, 16 agricultores.

Nossas indagações iniciais foram sobre como viviam esses agricultores e de que forma vêm se sustentando e se mantendo no campo, qual a relação da terra com a formação histórica deles e quais valores e significados são mantidos por eles. Percebemos deles respostas como as seguintes:

A terra é importante para mim porque tem melhores condições de se viver do que na cidade. O campo tem mais alternativas para sobreviver. Ser agricultor é cuidar da natureza e protegê-la. (Agricultor 01)

Para mim, a terra é importante, porque vivo dela para sustentar minha família. Cuidar da terra é muito importante, porque sou parte dela. (Agricultor 08)

A terra faz parte da minha história. Tudo o que consegui foi aqui. Cuido da terra porque dependo dela para sobreviver. (Agricultor 10)

A terra é essencial para minha sobrevivência Sinto-me em casa nesse lugar. Tudo que consegui foi através do meu trabalho na terra, por isso cuido bem do ambiente em que vivo. (Agricultor 13).

Esses depoimentos evidenciam uma relação direta com o contexto socioeconômico e ambiental em que vivem os agricultores, mas externalizam valores e significados que em geral têm sido suplantados nos últimos tempos. Dependendo da origem e do nível de formação de nossos atores sociais, a noção de sustentabilidade era expressa distintamente como se percebe nestas falas:

Eu necessito do meio ambiente para sobreviver, por isso não desmato, porque sei que vai me prejudicar. (Agricultor 09).

Tudo que consegui foi trabalhando na terra. Tem momentos difíceis, mas gosto desse lugar, onde criei meus filhos. (Agricultor 12).

Dependo da terra para plantar e colher. Cuido do meio ambiente para conseguir sobreviver. (Agricultor, 06)

Está evidente, nas falas, a percepção que os agricultores têm a respeito das condições ambientais e sociais em que vivem, que para eles são fundamentais. É a partir dessa realidade social que eles vêm transmitindo e difundindo seus valores aos familiares. Seu discurso reforça ao que Sachs (2000), propõe ao afirmar que a sustentabilidade tem certa unidade e que a dinamicidade está na harmonização de perspectivas ou critérios sociais, políticos,



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

econômicos, ecológicos, ambientais, territoriais e culturais, quanto ao entendimento do desenvolvimento de uma dada sociedade humana.

O saber ambiental abrange em reconhecer as identidades dos agricultores, suas cosmologias e seus saberes tradicionais como parte de sua cultura. Emergem, assim, novas produções de saberes na definição dos sentidos da existência e na qualidade de vida dos indivíduos, como afirma (LEFF, 2007).

5 Conclusões

Diante dos resultados obtidos, notamos a preocupação que os agricultores têm com a terra e a reprodução social de sua vida, uma vez que é a partir dela que tiram o próprio sustento e o de seus familiares.

Como já foi dito anteriormente, esta pesquisa está em andamento. Até o momento presente, conseguimos perceber mesmo com as dificuldades existentes no meio rural, o homem do campo procura meios para permanecer na agricultura e buscar sua sustentabilidade. Sua identidade com a terra ainda se reproduz, e se espacializa através dos valores e significados que ele atribui ao ambiente em que vive.

A terra não representa apenas um recurso ou uma ferramenta de trabalho, ela representa um verdadeiro patrimônio para os que dependem desse espaço para sobreviver e difundir os valores, os costumes e as relações sociais e ambientais. Foi através dessa relação que os agricultores entrevistados nos relataram que, mesmo diante das dificuldades e agruras do viver no semiárido norte-rio-grandense, criam alternativas diversificadas para permanecer no território em que vive e que vem construindo toda a sua história, tanto material com espiritualmente.

Para os agricultores inquiridos, sustentabilidade significa manter a reprodução social das famílias em termos de adaptabilidade e resiliência, resistindo ao tempo seco, defendendo no que pode a biodiversidade, produzindo muitas vezes sem fazer uso de agrotóxicos, com isso conseguindo tirar da terra que plantam a sua sobrevivência, mesmo em condições ambientais desfavoráveis.

Diante disso, esses agricultores vêm mantendo valores e significados que são expressos através dos saberes tradicionais que são mantidos e, ainda, utilizados pelo homem do campo atualmente, apesar da modernidade existente. Concluimos, portanto, que a busca pelo sustento diário não é uma tarefa fácil de ser executada, no entanto esses agricultores se mostram resistentes fazendo da terra um símbolo de luta e resistência para manter sua identidade territorial.

Por fim, cabe a nós enquanto pesquisadores aprender com esses agricultores que têm as experiências de vida que estas não podem ser esquecidas e nem tampouco ignoradas, visto que a ciência não se faz de forma isolada sem considerar os saberes dos homens do campo.

6 Referências

- ABRAMOWAY, R. **Paradigmas do capitalismo em questão**. São Paulo: Edusp, 2007.
- ABRIC, J-C. **Méthodologie de recueil dès representations**. Paris, PUF, 1994.
- CLAVAL, P. A volta do cultural na geografia. **Mercator**, a.1, n. 1, 2002, Fortaleza.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: **CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (Orgs.)**. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

123.

CORREA, R. L. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, ano1 out. 1995. Rio de Janeiro.

DARDEL, E. **L’homme et la terre**. Paris: Editions CTHS, 2011.

ISNARD, H. **O espaço geográfico**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Campinas: Unicamp, 1993.

LEFF, E. Saber ambiental: do conhecimento interdisciplinar ao diálogo de saberes. In: LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2007.p.159-190.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.p.9-28.

RIO GRANDE DO NORTE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil @cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20 de julho 2012.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações Sociais**.

Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Garamond, 2000.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 220 p.

WANDERLEY, M. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o rural como espaço singular e ato coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 15, p. 87-145. 2000.